

O GALATO



Quinzenário * 13 de Setembro de 1986 * Ano XLIII — N.º 1109 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

Quando este O GALATO te chegar às mãos terá já decorrido a IV Semana Nacional de Pastoral Social sobre a Marginalidade dos Jovens. Nada sabemos ainda sobre as conclusões, caminhos abertos e metas a atingir. A seguir ao anúncio do tema vem a evocação «no Centenário do Padre Américo». E, na programação, a reserva dum tempo nas três tardes para que um terço dos participantes pudessem partilhar com os rapazes e padres da Obra da doutrina de Padre Américo sobre o acolhimento, formação e inserção social dos jovens.

Quem nos dera que os caminhos chegassem às verdadeiras fontes da marginalidade e se defenidas as metas a atingir para o seu estancamento.

Prevenção. Foi este o caminho do Padre Américo traçado na doutrina e mística da Obra e, até, nas casas, ruas e árvores das Aldeias do Gaiato.

Casas airoas, em vez de antros; ruas e jardins, em vez de vielas e lixo; sol, em vez de humidade a escorrer. Flores e animais. «A porca já teve...!» sentir a vida a palpitar! Tarefas quotidianas, em vez de ociosidade permanente; carinho, em vez de violência. Portas abertas por amor ao sentido, de responsabilidade. Família.

Sabemos que o problema é muito complexo e profundo. Algumas fontes são difíceis de estancar. Sejam: a miséria; a habitação degradante; a prostituição; o alcoolismo; a fuga ao trabalho e a falta de emprego.

Também muito difícil o sairmos de nós mesmos e caminharmos até aos marginais. Dizermos coisas bonitas e passar ao lado, não vale.

O samaritano foi à berma, pegou no ferido, curou-o e levou-o consigo.

Padre Américo foi aos bairros, entrou no mesmo barco e resolveu, dia-a-dia, os problemas dos Pobres.

Conheci uma Irmã, em África, a quem o Bispo tinha responsabilizado por uma missão. Na primeira semana, dobrou o

hábito e vestiu os panos das mulheres indígenas. Foi uma alegria na senzala quando a Irmã apareceu igualzinha a elas! Na segunda semana, falou às mulheres, nas reuniões, sobre as doenças e os partos. Na seguinte, foi acordada a altas horas para uma mulher grávida que estava a morrer. Ela foi, tomou a mulher e levou-a ao Hospital que ficava a trezentos quilómetros, por picada impossível. Camaila! (aquela que sorri e sempre nos atende). Assim a chamavam os cristãos.

Só palavras, não. O Senhor disse: «vai, faze tu o mesmo». E pela boca de S. João: «Filhinhos, não amemos em palavras, só com a língua, mas com actos, na verdade».

Assim o desejamos. E que espírito de fé e de Amor cada um de nós precisa para, como

Cont. na 4.ª pág.

As nossas Edições

De todos os dons naturais aquele que mais se agigantou em Pai Américo foi a capacidade de comunicar. Ele era um extraordinário observador, capaz de extrair de coisas pequeninas matéria de reflexão com a profundidade que prende os habituados a reflectir, sabendo, ao mesmo tempo, exprimi-la com a simplicidade que atrai os que não têm tal hábito. Escrever para uma amplitude de leitores que vai do intelectual ao homem de poucas letras e gravar em todos uma funda impressão é uma capacidade que raramente alguém possui. Ele tinha-a e pô-la inteiramente ao serviço da missão a que Deus o chamou.

A obra escrita que produziu não é o menos de toda a Obra que nos deixou. Claro que entre uma e Outra há estreita conexão. Ele escrevia (e falava!) a partir da vida que Deus lhe deu. Por isso a sua palavra ficou imune do desgaste que em tudo o tempo produz. Hoje, como no tempo em que foi proferida, ela conserva o vigor e a frescura do fruto ou

da flor que acabou de se colher.

Daquela coluna de saudade que vem em quase todos os números de O GALATO e que tem sido preenchida por trechos do 1.º volume do «Pão dos Pobres», me dizia, há dias, um colega amigo vir fazendo o seu texto de meditação quotidiana. Cinquenta anos são passados sobre o momento em que foram escritos — e aí estão eles, perfeitamente actuais, alimentando a vida espiritual de um sacerdote!

Porque escrevia do que vivia, são os escritos de Pai Américo a mais segura fonte da história da Obra da Rua e, também, o lugar onde ficou mais fielmente impresso o seu retrato. Não foi em vão que Pai Américo chegou ao sacerdócio a meio da vida. Todo o tempo anterior, que ele chamou «perdido», foi um acumular de experiências e de conhecimentos cuja evocação ia surgindo espontaneamente nos seus escritos. E, sem dar por tal nem tal pretender, ao relembrar episódios do passado marcados pelo seu

juízo crítico, foi dando achegas para a história de si-mesmo, de um modo tão disperso que é mui difícil recolhê-los e sistematizar. Mas a verdade é que não há melhor caminho para o conhecer do que lê-lo em tudo o que escreveu.

Por isso, empenhados, embora, em biografá-lo, nos parece extremamente útil a publicação de quanto foi escrevendo no O GALATO ao longo dos doze anos que o dirigiu e em que foi o quase total autor, em tantas e tantas edições.

Fruto desta intenção, apareceu recentemente «O Cantinho

Cont. na 2.ª pág.

AQUI, LISBOA!

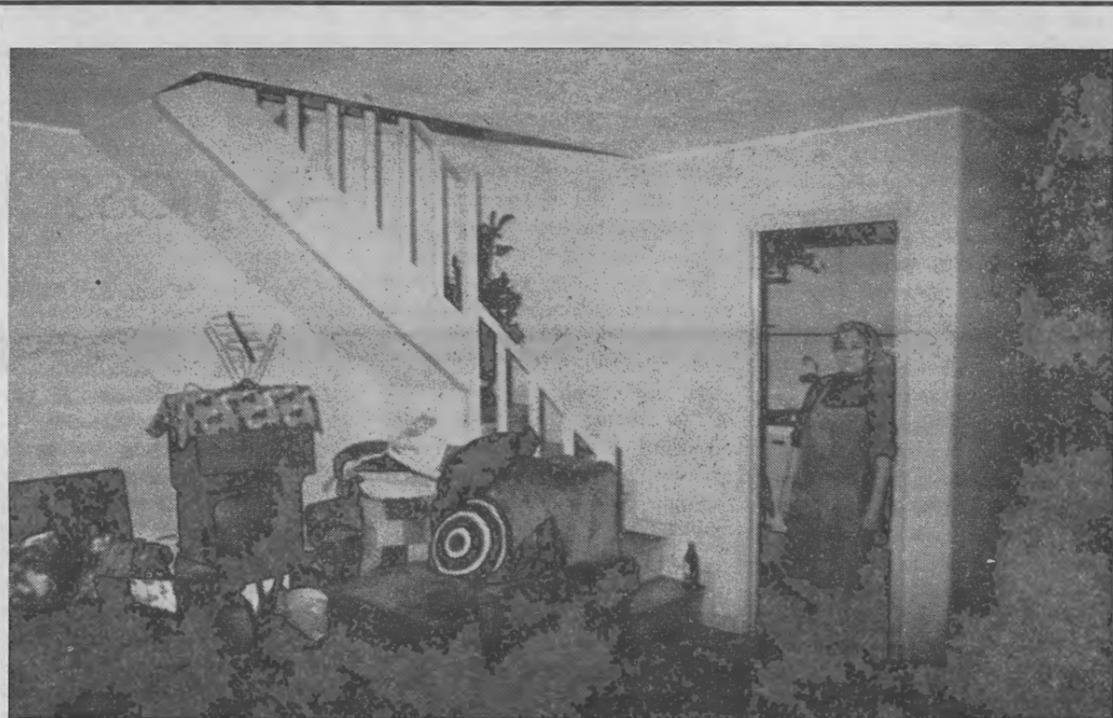
«Cada um de vós tem obrigação de se defender da miséria, com unhas e dentes; é agora que deve começar a fazê-lo. É hoje.» (Pai Américo)

Se é difícil educar na miséria não o é menos na abundância. Os extremos, como se diz, tocam-se. Nós mesmos, nas nossas Casas, sentimos grandes dificuldades em formar gente equilibrada, com uma visão correcta do uso e da posse das coisas materiais.

Sendo certo que vivemos essencialmente do nosso trabalho e daquilo que o Povo nos entrega, a verdade é que não nos falta nada do essencial e, porque não dizê-lo, não raro, os Rapazes dispõem de muitos objectos, de instalações ou de facilidades não acessíveis ao comum das pessoas, sem esforço ou suor próprios, já que, nem todos são dados ao trabalho e à consciencialização do lema da Obra.

As vezes sentimos grandes dificuldades em incutir a cada um dos jovens que a vida é difícil e exige luta e parcimónia

Cont. na 4.ª pág.



Dantes, não era assim...! Esta parte do Barredo, em Miragaia, metia medo! Era terra de morte. Hoje, não; é terra de vivos — com vida digna. Em tempos que já lá vão, um companheiro de Pai Américo disse-lhe ao ouvido: «Que andamos nós a fazer!? Que obras fazemos nós...? (...) De que servem as pontes e os canais e os monumentos e as grandes obras, quando esta (a reconstrução da vasta zona ribeirinha do Porto) é a maior de todas?! É preciso que venham aqui ministros. Incógnitos ou anunciados, isso não importa; mas que venham ver. As outras obras podem esperar, mas esta não.» O grito de ontem, repetimo-lo hoje. Os Pobres estão à nossa espera... As obras na mão do CRUARB não podem parar!

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

PRAIA — O 3.º turno já terminou. Todos vieram bem queimados, pois o tempo foi bom e tudo correu bem. Não houve qualquer problema.

Quero aproveitar para agradecer às Fábricas do Chocolate e da Agros, que nos mimaram com leite e chocolates.

O 4.º turno já lá está. Os que foram naquele grupo são os mais velhos e também têm direito a férias e descanso. Esperemos que tudo corra «dentro dos eixos» e nada de ruim aconteça.

DESPORTO — Ganhámos o torneio organizado pelo F. C. Paço de Sousa!

Na final, realizada no dia 10 de Agosto, batemos o Bairros, outro finalista, por 5-0.

Foi um jogo sem muito para contar.

Na primeira parte a equipa adversária ainda conseguiu aguentar a nossa toada atacante e, ao intervalo, ganhávamos por 1-0.

Na etapa complementar, o Bairros não teve força física e técnica para aguentar o nosso futebol, o que ficou bem exposto pelos quatro golos que marcámos no segundo tempo.

Ganhámos o torneio, e o troféu do melhor marcador foi para o «Tó-Zé». Fomos também a equipa com mais golos marcados e menos sofridos.

Os mais novos jogaram, também, no dia 10 de Agosto com uma equipa de Campanhã. Perderam por 3-0.

Têm muito que trabalhar! Não têm ainda o entrosamento necessário, bonito e técnico.

Vão agora entrar no Torneio das Vindimas. Será uma experiência, pois

nunca entraram em torneios deste género. Esperamos que tenham mais sorte.

LAVOURA — Já estamos a deliciar-nos com as nossas batatas. A colheita foi boa, pois os nossos campos renderam o normal e, por isso, batata não falta! Nem batata nem tomates, pepinos, cenouras, alfaces, etc. Graças a Deus!

O milho já está grande, as uvas quase maduras, principalmente a uva branca.

O nosso pomar também não decepciona. Continuamos a ter boas maçãs e pêras para a sobremesa.

VISITAS — Continuam num ritmo impressionante! Todos os fins-de-semana a nossa bela Aldeia transborda de visitantes e fica mais alegre, mais bonita; tal como nós, pois ficamos contentes ao saber que as pessoas gostam de ouvir as nossas histórias, às vezes bem tristes!

Venham e tragam alegria convosco. Sereis recebidos com simpatia como é característico dos gaiatos.

Pai Américo disse: «Nós somos a Porta Aberta».

Ludgero Paulo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

— Temos de continuar a ajudar esta família... Mãe e filhos sofrem pelo abandono do pai — acentua o viceptino.

Casos típicos de cinturadas de miséria, felizmente menos vulgares no interior do País.

Nem sempre é possível dar, logo, uma «cana para pescar»; isto é, fornecer meios, um rumo, para a família se levantar da pobreza absoluta — por suas mãos.

Os próprios familiares reconhecem que assim é e dão a mão, também. Ainda agora a avó ia para junto da filha, dos netos. Combalida. Ela e o marido sofreram muito no tempo das vacas magras. Sabem quanto custa a vida. A pobre avó levava um pouco do que precisa (do que precisam lá em casa) para a filha e netos. Tradicional partilha presente na alma das gentes ditas provincianas. Quem dera se não perca este dever! Por nossas mãos têm já passado carências fáceis de resolver, se a ajuda fraterna (de gentes do mesmo sangue) fôsse mais activa.

Fixemos mais as notas positivas do que as negativas: Basta lembrar outra família (um problema idêntico) com a agravante de ter de solver um compromisso bancário pela sua pequena moradia. A *vaquinha* estabelecida entre os familiares e a pronta ajuda dos nossos Leitores mantêm aquela gente — há vários anos — abrigada no que é seu, cumprindo regularmente os juros e amortização da dívida à Banca. Mãe e filhos levantaram cabeça (eles estão a espigar...) e não caíram na miséria.

— A gente não queria mais do que um arremedeio pra pagar à Caixa...

Dão graças a Deus e vivem felizes — integrados no meio.

PARTILHA — 4.000\$00 do Fundão, «mensalidade do corrente mês, em duplicado (subsídio de férias) para a Conferência, com um abraço amigo...» Retribuímos na mesma proporção.

Velha Amiga, da Mealhada, com «um resto» de contas. O costume de Vilares (Vila Franca das Neves). 500\$00 entregues em discreto sobredito, no Espelho da Moda. Seis vezes mais da assinante 23387. G. A. C., 1.000\$00. «Uma alentejana» com o dobro «por alma dos meus queridos mortos». Mais 500\$00 da assinante 42988. Cinco vezes mais de «Uma portuense qualquer» que, «embora já um pouco atrasada, manda a migalhinha relativa ao mês de Julho, acrescida de um pouco mais para lembrar o dia 16 de Julho, portanto em homenagem a Pai Américo, no 30.º aniversário da sua ida para o Céu». Mais 800\$00, de Águas Santas. A remessa habitual da assinante 19177. «Uma Amiga», do Porto, envia «uma migalhinha que será para aquilo que entenderem». Não falta onde possa ser aplicada!

Da assinante 3197, da Praia da Granja, três notas para aliviar o sofrimento duma família, aqui indicado. Duas notas do assinante 23618. Vale postal, de Lisboa, «por uma graça realizada».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

NOVO CRONISTA — É a primeira vez que escrevo para O GAIATO. Quero, por isso, saudar os Leitores.

O «Chiquito-Zé» está na tropa, no Funchal e o João Paulo foi chamado para a Marinha. Eram eles os nossos cronistas. Aproveito para lhes desejar muitas felicidades.

FÉRIAS — Acaabaram as nossas férias à beira-mar e regressámos todos a Casa, onde nova vida recomeçou. Todos estamos ocupados.

AGRICULTURA — Um grupo de rapazes encarregou-se de despontar o milho e, depois, desfolhá-lo. Os mais pequeninos acarretaram-no para as terras onde foi espalhado e, mais tarde, será para o gado comer.

Há outro grupo que é encarregado de apanhar tomates. Os nossos tomateiros estão cheios de tomates saborosos e vermelhinhos. Agora, às refeições, comemos todos com mais agrado.

Outro grupo tem andado ao mato. O mato é bom para a caima do gado e para a estremeira, para quando for o tempo das sementeiras, temos estreme e, depois, boas colheitas.

FRUTA — As uvas já estão quase maduras e já começam a fazer crescer água na boca. Todos anseiam pela chegada das vindimas, onde o trabalho é feito com maior gosto.

As pêras e as maçãs — também em grande quantidade — já começaram a ser saboreadas. As que estão

verdes vão ser espalhadas nos sótãos, para quando estiverem maduras serem comidas.

Entretanto, a que cai ao chão é cozida para o jantar.

OBRAS — Tem andado um grupo a tornar a nossa Casa mais bela. Está a ser caiada, a ficar muito bonita. O mesmo fizemos com a nossa Casa da Praia de Mira: foi caiada e uma parede forrada de azulejos.

TIPOGRAFIA — Os rapazes que trabalham na nossa Escola de Artes Gráficas estão muito entusiasmados. No entanto, o trabalho é pouco e, como sabem, o trabalho, em nossas Casas, é a grande fonte de vida e de alegria. Apenas estão ocupados com um trabalho de um Amigo de Coimbra. Não deixem os nossos rapazes desanimar! Mandem-nos as vossas encomendas para a nossa tipografia. Obrigado.

João Paulito

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quando seguimos para as casas dos nossos Irmãos mais necessitados, encontramos um grupo de pessoas que tentava ver o que se passava. Também parámos e a minha companhia procurou inteirar-se, junto do casal, do que se tinha passado. Ela chorava, ele pálido como cera. A custo disseram que vinham do hospital e que foram roubados. Não tinham dinheiro para regressar nem para a farmácia. Ele não se conteve, acabou por chorar também.

A minha companhia exclama: «Ai meus senhores, como vamos poder ajudá-los?» Acto contínuo sai do meio do grupo uma voz: «Com os males deles posso eu bem. Também fui roubado e não morri».

A reacção foi silenciosa mas activa.

José Alves

As nossas Edições

Cont. dá 1.º pág.

dos Rapazés». Neste momento está pronto a imprimir o «Notas da Quinzena». E em escama se não de suceder — assim o esperamos — mais sete ou oito títulos, para os quais a selecção está feita; e de alguns, mesmo já preparada para próxima composição.

Não foi fácil nem é perfeita esta selecção. Porque Pai Américo não era um escritor programático mas, como se disse, inspirado pelos casos da vida de cada dia, muitas vezes os assuntos se misturam sob uma epígrafe que de modo algum equivale a um só tema. E assim, quantas vezes hesitamos sobre a melhor arrumação dos seus textos. Mas, «parar é morrer» e os escritos de Pai

Amar o Próximo é um dever de todos nós, e o amor lá estava: Do grupo começaram a sair, não vezes, mas pessoas que iam deixando o que podiam. Duas senhoras acompanharam o casal à farmácia e, depois, à camioneta.

O telefone toca, são 7,30 h. A mãe de duas filhas doentes chora. «A menina está muito mal, está a morrer. Vocês também são da minha família.» A Adelaide que a escutava, chora também, e antes de ir para o emprego telefona às Irmãzinhas, que moram perto, e conta-lhes o que está a acontecer. Elas vão ao encontro desta família e, depois, telefonam à nossa vicentina a tranquilizar. O nosso Padre Carlos que andava por lá com alguns rapazes, também por lá passou. Só ao fim da tarde volta a tocar o telefone: A menina acabou de partir.

Agora são as despesas do funeral, 35.000\$00, fora os medicamentos. Não têm dinheiro; nós também não. Da Caixa informam que não têm direito a subsídio.

O Francisco e a Maria do Carmo também andam aflitos. É o carrinho de rodas duma doente que foi para reparar. Estava a desfazer-se. A reparação custa 20.000\$00. Contamos com a vossa ajuda.

Campanha *tenha o seu pobre*: 1.000\$00 de anónimo. «Para a conferência de S. Francisco de Assis» 2.000\$00. Anónimo, para a Conferência do Lar do Gaiato, 1.000\$00. Mais umas coisinhas para o Inverno que se aproxima e 500\$00 e o pedido de uma oração pelo pai. Donativos entregues no Montepio Geral, M. Pereira e Amigos, 7.500\$00. Da nossa assinante 19177, 500\$00, entregue no Espelho da Moda. De Ermesinde, assinante 93840, 5.000\$00. Assinante 20745, 2.000\$00. De Lisboa, assinante 28892, 5.000\$00.

Bem hajam todos pela ajuda que nos dão.



O Carlos — da Casa de Lisboa — e a Amália casaram recentemente e saúdam os nossos Leitores.

Padre Carlos



DOCTRINA

Gozo perfeito, vida plena...

● Já havia luz dentro de casa quando entrámos na soleira, sobraçando encomendas para a nossa doente, como quem leva o foliar da Páscoa a famílias conhecidas. Uma velhinha branca fazia a ceia, enquanto uma neta corria a ferro a roupa dos irmãos; e no chão extremo, encostada à parede, a enferma a tossir... À luz do candeeiro cortamos o fio dos pacotes com o bico da tesoura: marmelada, açúcar, bananas — a bondade dos que se prendem nas malhas desta rede feiticeira e caem por terra, feridos no coração.

● A gente adoça o ar da mansarda em visitas demoradas e conversas amigáveis, à laia do chá das cinco; e, assim, propositadamente, alivia sofrimentos e faz esquecer trabalhos, que os doentes sentem-se sempre melhor quando os médicos lhes falam à cabeceira da cama. Parece que é perder tempo ao pé de cacos sem conserto, de quem já não se faz caso mas o coração prende-se e não nos deixa caminhar!

● Temos mais doentes assim e peço para eles mais fruta, mais marmelada, mais coisas. Ao passar por certa rua os nossos olhos cobiçosos deram com arbas dela, em regimentos de malhas, ao sol, formadas em linha no peitoril de janelas; e não sei que nos segurou, que a não fôssemos roubar! Não tentes quem passa na rua; esconde se não queres dar!

● Também fomos com passo alegre até fora de portas, visitar família de relações antigas a ouvir cantar passarinhos nos loureiros da azinhaga. Enquanto assim caminhávamos, fomos desfiando a lenda de S. Martinho que julgava ver à sua frente o mesmo Pobre a quem atrás dera a capa; e era Jesus Nazareno a agradecer-lá, como se a Ele próprio fora dada; e com este alto pensamento, demos fundo na porta da doente. Esteve dois meses no hospital e breve regressará à família. Assim o disse ela, no desalinho da casa, onde dantes conheci tanto arrumo. Vi

Cont. na 4.ª pág.

Do que nós necessitamos

Pai Américo tomou para si o nome de «recoveiro dos Pobres». O nome está ligado à pessoa e à missão que a pessoa tem. Recoveiro, o que recebe e não guarda para si. O que nada tem senão o cuidado dos Outros. Recebe e dá. Está livre e feliz no lugar onde Deus o coloca. Pensa que é sempre pouco o que leva em troca do muito que recebe daqueles a quem serve.

São precisos recoveiros dos Pobres. O corpo social precisa deles. São ponte a ligar margens sociais que, doutro modo, ficariam separadas. É caminho estreito, sim; tão apertado que muito poucos se aventuram a entrar nele e a perseverar. Mas o corpo social precisa de recoveiros dos Pobres! São os filhos das Bem-aventuranças.

Tantas cartas que nos chegam; tantas vozes que escutamos; tantos ricos que dão conta do engano em que vivem; tantos pobres aliviados; tudo nos fala da missão grande que é «ser recoveiro dos Pobres».

Da Praia da Granja, 12.000\$ «para os três» casos a que se refere O GAIATO. Mais 12.000\$, do assinante 5454. Do Porto, 100.000\$00 «para ajudar a resolver as dificuldades do casal com 6 filhos. 1.000\$00, de uma Esmeralda. Por intenção de uma mãe gravemente doente, 30.000\$00, de Isabel.

Subimos a Rua dos Clérigos, no Porto e trouxemos do Espelho da Moda tudo o que lá depositaram: assinaturas pa-

gas com 5.000\$, 1.000\$; outro cheque de 5.000\$00; cartas com donativos; 10.000\$00, de anónimo; 100\$00, de Adelina; mais gente anónima que passa, cumpre o seu dever, deixa do que lhe faz falta, à maneira da Viúva e do que lhe sobra. São lembrados os vivos, sobretudo mães que rezam pelos seus filhos e agradecem, dando com verdadeira devoção.

«Para uma senhora viúva, em necessidade», 2.000\$00. É trabalho do recoveiro dos Pobres que não pode queixar-se mas unicamente viver agradecido.

«Com muita estima pela Obra da Rua, pois é uma manifestação de Deus, concreta, neste mundo conturbado», um cheque de 500\$00.

Anónimo vem com 5.000\$ e pede que aceitem com muito carinho por todos quantos se dedicam ao seguimento da Obra de Pai Américo. 10.000\$, do Adriano. Oração de mãe que pede o regresso do filho pródigo, 5.000\$00. Assinantes aflitos com o atraso de suas contas vêm com 5.000\$ e 10.000\$.

A missão do recoveiro dos Pobres é de salvação para todos: «Aqui lhe envio um cheque de 100.000\$00 para o usar naquilo que for necessário. Num cantinho da nossa Capela alguém quer desobrigar-se e passa um cheque de 500.000\$. Não sabíamos quem era e guardamos em nosso íntimo o nome e a gratidão. Agora chega a avó para comemorar os aniversários de dois netos com 10.000\$00 e nova

assinatura d'O GAIATO. Do assinante que mora na R. da Guiné, Porto, 5.000\$00 e fique tranqüilo a saborear «o maná» que Deus está a enviar ao seu povo por intermédio de Pai Américo; maná espiritual de que tanto necessitamos. Mais oração da mãe pela filha doente. Esta coluna é verdadeira comunhão de bens materiais e espirituais. Da assinante 1113, 10.000\$. Duas vezes mais, em sufrágio das almas de João Manuel, José Joaquim e José Moreira. O recoveiro dos Pobres vive da alegria de quem recebe. «Sentir-me-ei muito feliz se, com essa migalha, puder minorar um pouco algum sofrimento dos que vós visitais» — 10.000\$00. E basta que Deus saiba. Da assinante 27197, 1.000\$00. Mais 5.000\$, de Macedo do Peso. Anónima, 100\$00. Dez mil, da Maria do Carmo e 5.400\$00 da R. da Torrinhã. 100\$00, mais 300\$00, mais 150\$00, no Espelho da Moda. Mais 1.000\$00 e mais 500\$00, no mesmo lugar. De velha amiga, residente na Alemanha, 80 marcos. Flores oferecidas pelas senhoras do Bolhão e 1.000\$00, em moedas. Muitos talões no Espelho da Moda, com 200\$00, 2.000\$00, 5.000\$, 500\$00, 250\$00, 50.000\$. A Maria Isabel e Albertina vieram juntas com 500\$00. Em acção de graças, 20.500\$00, de Quitéria que já não pode ficar sem O GAIATO. 25.000\$, de M. Barreiros e 5.000\$, de Valongo para acertar as contas d'O GAIATO; outro tanto, do centro. De Ermesinde 10.000\$00. Vinte mil, de Eduardo.

Agora, vamos parar um bocadinho para escutar a lição: «Chegou a época das férias. Dividi este ano as minhas férias assim: 15 dias para mim que, graças a Deus, me chegam perfeitamente. Há quem não tenha nada, nem pão para dar aos filhos, quanto mais férias!... Desta forma o dinheiro dos outros 15 dias irão direitinhos para os meus queridos amigos.» Vieram 40.000\$00. Não fazemos comentários. A lição é clara como a luz do sol. 2.500\$, da D. Fernanda. Um cheque de 144.000\$00, depositado em nossas mãos, sufragando a alma de uma senhora que foi de S. Pedro de Rates. «Deixo a aplicação deste donativo à vossa escolha.» Casal cristão vem com 10.000\$00.

Os jovens também estão presentes. É lindo! É apaixonante! É o contacto com a Esperança! É Vida! Oferta dos grupos de jovens de Fânzeres e Rio Tinto, no dia da Assunção de Nossa Senhora.

Vêm excursões, em camionetas. Vêm famílias completas nos seus carros, de comboio. Vêm emigrantes. Vêm os que estão em férias e aproveitam a ocasião. 43.000\$00, da Célia. Nem sempre podem dar quanto queriam: «não vos esqueço nunca, mas não posso dar-vos o que desejava» e mandam 5.000\$00, mais 5.000\$00.

Esta coluna d'O GAIATO é

como luz posta sobre o alqueire para alumiar a todos. 10.000\$ de Proença-a-Nova, «com admiração, estima e até amor pela vossa Obra». 13.500\$00, na mesa dos cicerones. 10.000\$00, de engenheiro amigo, do Porto. Retribuímos o abraço de amizade. De Benoni, África do Sul, 13.600\$00, mais 5 rands. 4.000\$00, de filho que assina O GAIATO, em nome da mãe já falecida. 25.000\$00, mais 25.000\$00, do Porto e que «Deus abençoe tão grandes Obras».

Estamos em férias. Pois este por menor não é esquecido — 8.000\$00 «para ajuda das vossas férias». E, agora, não resistimos a transcrever um postal da Escola n.º 1 de Pombal: «Olá, «Batatinhas!» Como vão? Nós somos os alunos da 2.ª fase da Escola Primária de Pombal. Junto a este postal enviamos 350\$. Não é muito mas já é uma ajuda. Um grande abraço.» Lemos muito mais do que aquilo que vem nas linhas; vemos estas crianças a crescer no conhecimento e na amizade com crianças como elas mas que precisam muito delas. De «uma portuense qualquer», a presença constante de todos os meses. 300\$ e «desculpem a insignificância da oferta».

E a coluna vai engrossando com achegas daqui e dali e de todas as partes: 10.000\$00, de Emília. 5.000\$, de M. L.; 50 libras, de Londres e «deixo ao vosso critério, pois no jornal O GAIATO sempre encontro algo para meditar...». 6.000\$00 e mais 500\$00, da Afurada; 50.000\$00 de António Jacinto; 50.000\$00, «com um abraço muito fraterno e os votos de que continuemos todos fiéis ao ideal». 250\$00, de um amigo. 2.000\$00, da Mariete e mais 5.000\$00; 10.500\$00, do grupo de Canidelo e 750\$00, do grupo de Crestuma; 20.000\$00, de Maria de Lourdes.

As vezes, as pessoas ficam tristes porque não receberam resposta ou apreensivas pela dúvida da recepção de seus donativos. Pedimos desculpa, mas nem sempre é possível mandar o postalzinho. Confiam. Raramente acontecem desvios. 250.000 cruzeiros (agora cruzados) do Brasil; 10.000\$00, da Maria de Lourdes; cheque de 50.000\$00 «para pagamento da assinatura» e «não desejo nenhuma menção ou referência». Paciência, aqui vai. Do Adriano, 20.000\$00 e «apliquem no que melhor entenderem». Mais uma «ajuda para as férias — 10 contos» e «umas férias felizes; que a Paz e o Amor que a Obra da Rua semeia em cada um deles dê muitos frutos que perdurem por toda a sua vida». Obrigado, Maria Teresa. Obrigado, Lúcia, pelos 5.000\$00.

Vamos continuar: — Presença de um sacerdote com 10.000\$00 e acusa a recepção do «Cantinho dos Rapazes». Mais 2.000\$00, nos cicerones. Ana Maria e Eduardo Carlos vêm com 10.000\$00 e muita admiração. A Maria Teresa e o Horácio vêm, do mesmo modo e a mesma quantia. 2.500\$00 e mais 1.000\$00 de

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

«Senhor prior: a casinha está a ficar tão linda!» Foi assim que a sr.ª Rosa me veio dar a notícia. A sr.ª Rosa é viúva e ainda tem quatro filhos pequenos com ela. Vivem num palheiro e ela, quando a saúde lho permite, vende uns panos, de porta em porta. Sempre que pode vai namorar a casinha que conta ir habitar. Os nossos artistas-construtores estão a esforçar-se para a dar pronta por estes dias.

O casal com sete filhos pequenos (e não seis, como vos disse) que, com o nascer dos filhos ficou sem capacidade de continuar a construção de sua casinha, com a nossa ajuda, tomou alento. É vê-los todos aos fins-de-semana. Consolei-me de os ver: o pai, a fazer a massa; dois filhos, a transportar os baldes para a roldana; a mãe, a puxar a corda; dois filhos, em cima, a levar para um amigo que estendia a massa; uma filha, com a pequenina ao colo; a deficiente de ouvidos e línguua brincava na areia. Um mundo de beleza a construir-se. Tão felizes todos!

A casa já está coberta. Andam a rebocar as paredes interiores. Hoje levei-lhes os

aros das portas. Já não estão com medo da chuva. Passarão o Inverno mais agasalhados. Um parente deu-lhes a cantaria em mármore. Eles fazem tudo. Nós só damos os materiais. São santos-heróis do nosso tempo.

O apelo que aqui fiz teve eco em muitos corações. Um Amigo, de Coimbra, já deitado na cama, em casa que lhe custou muito, ao ler O GAIATO, já não dormiu. Levantou-se e foi passar cheque que enviou no dia seguinte. Engenheiro, de Lisboa, também acudiu logo. Casal idoso, de Amarante, veio por aí abaixo, pelo correio. Senhora idosa, de Lisboa, mandou para a nossa Casa mais perto. Casal, da zona da Guarda, depositou cem notas que tinha recebido naqueles dias. De Leiria, também veio um cheque. De Coimbra, vieram várias mãos estendidas. Lisboa abriu mais portas que nos receberam.

Felizes todos aqueles que estão vigilantes e abrem a porta quando o Senhor bate. Ele entra e há festa no coração de cada um.

Padre Horácio